

Nunca Mais

As assembléias anuais do Fundo Monetário e do Banco Mundial que começam esta semana em Washington ocorrem num momento particularmente relevante para o Brasil, que deverá fazer um novo desenho para a sua dívida externa a longo prazo, e pelas consequências das decisões dos países desenvolvidos sobre suas taxas de juros e tipos de câmbio.

Não está ao nosso alcance influir diretamente no que o Grupo dos 5 irá decidir sobre taxas. Alemães e japoneses resistem a reacelerar suas economias temendo a inflação. Americanos relutam em usar mais rigor interno para cortar seu déficit fiscal e esperam um esforço dos seus principais parceiros industriais para reduzir o déficit da balança comercial, sem terem que deixar cair ainda mais o valor do dólar.

Mesmo à margem desse fechado clube do qual ainda não participa, o Brasil pode com legitimidade insistir na tese de que o sistema financeiro internacional deve-lhe um melhor tratamento, e não lhe pode cobrar apenas a geração de grandes superávits para pagar juros ou amortizar o principal da dívida.

O mundo deste final de década é certamente diferente do mundo no qual o Fundo Monetário surgiu, e onde se estabeleceram as convenções de Bretton Woods. Assim como inexistem soluções de bom senso para o problema do déficit comercial americano, ou para o fluxo de capitais que financia a dívida dos Estados Unidos sem a cooperação de seus parceiros do chamado G-5, a economia brasileira, por seu peso específico e por sua importância na América Latina, não pode ser tratada pelo FMI com um receituário geral, o mesmo que se aplicaria ao México, à Argentina ou ao Zaire.

O aumento de 3,5% no PIB da América Latina registrado pelo Banco Mundial foi influenciado decisivamente pelo desempenho brasileiro: seria um resultado negativo de 1,5% se o Brasil fosse excluído. É preciso observar com atenção as palavras dos economistas do BIRD, que identificam em nosso lado do mundo uma crise cuja extensão e profundidade são piores que a recessão dos anos 30.

Recessão no Brasil, portanto, nunca mais. Se os receituários da ortodoxia nos meios financeiros internacionais são hoje incapazes de encontrar para o Brasil soluções que não passem obrigatoriamente pela recessão, então que se troquem os manuais. A história econômica do mundo é dinâmica, não pode ser estática. Nesse dinamismo incluem-se muitas das soluções heterodoxas que nos tiraram da inflação que já entrava em espiral.

Para que o Brasil encontre seu lugar de forma disciplinada no mundo monetário externo, é preciso que nos aceitem como somos. Do lado brasileiro, é indispensável jogar fora, também, os tabus que apenas enxergam nas auditorias externas, nomeadamente as que podem ser exercidas pelo FMI, um garrote e uma ameaça. A independência brasileira para traçar soluções econômicas para o futuro não deve ser confundida com a recusa de uma prestação de contas e uma estratégia de livros abertos, semelhante à que as grandes empresas privadas estão acostumadas a fazer. Se o ajuste na postura do Fundo pode passar pelo reconhecimento da heterogeneidade das soluções para os graves problemas do mundo em desenvolvimento, o nosso ajuste interno também passa pela austeridade e disciplina de contas que uma auditoria eficaz pode ajudar a manter e preservar.